

Eleição Presidencial

TASSO QUER CIRO COM FHC

Fortaleza — O governador reeleito do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), pôs-se à disposição para reabrir o diálogo entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o candidato derrotado do PPS à Presidência, Ciro Gomes. A iniciativa do governador tucano surgiu depois do pronunciamento do presidente, quarta-feira, cobrando da oposição respeito ao resultado das urnas, ressaltando que esse é um momento de diálogo e solidariedade.

“Seria uma reaproximação importante e, por isso, estou disposto a fazer esse esforço”, disse. “Vou procurar o Ciro para conversar e acho que, aos poucos, vamos tentar desanuviar essa relação.”

Ciro Gomes sai das urnas com uma votação expressiva, superando 7 milhões de votos. Este resultado fará com que o candidato derrotado do PPS se torne uma nova liderança política da centro-esquerda no país.

Por isso, entende Jereissati, é importante que haja um diálogo entre o afilhado político e Fernando Henrique, principalmente num momento no qual o país precisa centrar esforços para enfrentar a crise. Mas, precavido, o governador prefere aguardar para retomar esse entendimento. “Do ponto de vista psicológico, é sempre bom esperar um pouco e deixar baixar a poeira da eleição”, ensina.

Jereissati aposta nesse entendimento entre setores da oposição e Fernando Henrique, reforçando a proposta do secretário-geral da Câmara, Ubiratan Aguiar (PSDB-CE). “Existe a possibilidade desse diálogo, e setores da oposição já manifestaram várias vezes esse desejo”, observou Jereissati, lembrando que essa seria uma posição patriótica, uma vez que as eleições acabaram.

No PPS, o presidente nacional do partido e candidato derrotado a vice-presidente, senador Roberto Freire (PE), mostrou-se favorável a essa idéia. O entendimento também recebe apoio de setores da esquerda tradicional, como o líder do PSB na Câmara, Alexandre Cardoso (RJ), o governador eleito de Alagoas, Ronaldo Lessa (PSB), e até o petista Cristovam Buarque, governador do Distrito Federal.

CONSTRANGIMENTO

Durante um ano, o governador do Ceará viveu momentos de constrangimento, ao ver dois amigos disputando a Presidência. Dos aliados em Brasília, Jereissati teve de ouvir calado as farpas, vindas, principalmente, de integrantes do PMDB, de que estaria fazendo corpo mole no Ceará pela reeleição de Fernando Henrique. Ao fechar a apuração no estado, onde Ciro Gomes ficou com 34% dos votos e o presidente, com 30%, Jereissati afirmou: “Toda a imprensa falava que Fernando Henrique iria levar uma surra de Ciro Gomes no Ceará, e o que se viu no final foi uma

Jefferson Rudy 8.9.94=



Em 1994, Ciro Gomes estava junto com Fernando Henrique e até o substituiu como ministro da Fazenda. Agora, Tasso tenta reaproximar os dois

diferença de apenas quatro pontos percentuais.”

Ele criticou os projetos dos partidos aliados para a sucessão de Fernando Henrique em 2002. “Quem se preparar agora, quebra a cara”, avisou. “Na eleição do Collor (Fernando Collor de Mello, ex-presidente), doutor Ulisses vinha preparando-se desde o primeiro dia que ia ter eleição direta.” Mesmo assim, ele faz uma análise positiva do desempenho do PSDB nessas eleições, apontando um pequeno crescimento nas bancadas da Câmara e do Senado, além da conquista, no primeiro turno, de três estados e de disputar com chances, no segundo turno, em outros sete.

O governador do Ceará defendeu como prioridade do Congresso a realização de uma reforma política para que se evite uma negociação fisiológica entre o governo e os parlamentares. “Apenas com uma reforma política, nós vamos ter a possibilidade de manter uma boa negociação com o Congresso, tanto em relação ao nível de qualidade dessa relação, como em agilidade das votações”, argumentou Jereissati, defendendo como um dos pontos prioritários dessa reforma a fidelidade partidária. “Hoje, o fisiologismo no Congresso é grande, e o governo precisa fazer negociação um a um”, observou. “É uma verbinha aqui, uma tia do outro que foi de-

mitida lá em Quirirópolis do Sul, que acabam tornando esse negociação infernal”, critica.

OTIMISMO

Mas Jereissati está otimista com a aprovação das reformas, mesmo sem o instituto da fidelidade partidária. Isso porque, segundo ele, a opinião pública sempre foi no Brasil o grande “apressador” das reformas. “Quando existe uma pressão muito grande da opinião pública favorável, tudo anda mais rápido.”

O governador reeleito lembra que nunca se aprovou no país tantas reformas constitucionais num espaço de tempo tão curto. “Lembro-me que a grande bandeira do primeiro governo Clinton (Bill

Clinton, presidente dos Estados Unidos) era a reforma da saúde, e ele passou cinco anos discutindo e, mesmo assim, não conseguiu aprovar”, comparou.

Para Jereissati, não existe mais possibilidade de o governo o retomar o “salto alto” que marcou o início dessas eleições. “O pronunciamento do presidente Fernando Henrique foi um recado não só para sociedade, mas também para toda a sua assessoria”, alertou o governador. Ele lembrou que essa posição levou Fernando Henrique a uma situação crítica em maio, quando começou a cair nas pesquisas. “Na ocasião, o presidente teve momentos de desabafo e desânimo”, revelou.